

MONIZ, Naomi Hoki. *As viagens de Nélida, a escritora*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

A escritora carioca Nélida Piñon, neta de imigrantes espanhóis da Galícia, possui uma obra vasta, volumosa e densa, que a confirma como presença das mais significativas no cenário da literatura brasileira. Mas o lugar de Nélida nas nossas letras afirma-se em função do próprio projeto de sua ficção, voltado para a exploração dos limites do ato criativo, potencializado na força da imaginação e da invenção. Esse traço da poética piñoniana situa a escritora numa linha de inovação estética, dando continuidade e ampliando a herança de Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Desde sua primeira obra, Nélida Piñon percorre um caminho de “descoberta” e “conquista” de novos espaços na criação literária, trajetória essa demonstrada no ensaio de Naomi Hoki Moniz sobre a escritora.

A estudiosa analisa a obra de Piñon sob o signo da viagem – cujo simbolismo, carregado do sentido de aventura e aprendizagem, impregna a literatura ocidental desde as suas origens. Em Nélida, a viagem recobre-se do sentido particular de “errância”, “exploração”, “fundação”, em busca de territórios estéticos, éticos e sociais sempre renovados. Para desenvolver a sua análise, Naomi H. Moniz percorre um itinerário cronológico, selecionando, do universo piñoniano de onze livros, sete romances considerados representativos da postura estética que define a gênese da criação em Nélida Piñon: *Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo* (1961), *Madeira feita cruz* (1963), *A casa da paixão* (1972), *Tebas do meu coração* (1974), *A força do destino* (1978), *A República dos sonhos* (1984) e *A doce canção de Caetana* (1987). Nesse conjunto, a ensaísta reconhece duas linhas de

desenvolvimento, que constituem as duas grandes divisões do seu trabalho analítico (a última é reservada às conclusões). A primeira é identificada como a “fase vanguardista”, da qual fazem parte os quatro romances iniciais, analisados nas três primeiras partes do livro; a segunda é denominada de “fase pós-moderna”, na qual estão incluídas as demais obras, abordadas nas duas partes seguintes.

A primeira parte estabelece alguns conceitos que fundamentam a poética de Nélida Piñon. A ensaísta observa que a postura da escritora foi, antes, a de revolucionar a linguagem, abrindo espaço para experimentações formais que lhe valeram a acusação de hermetismo e alienação. Contra isso Nélida afirma o seu compromisso estético (que também é ético) de combater a “sintaxe oficial”, onde impera a convenção. Naomi Moniz salienta que a obra de Piñon se quer “inaugural”, pois “a transformação de uma visão de mundo deve ser feita através da transformação do próprio ato de representá-la” (p. 21). Conforme Naomi, a obra de Nélida Piñon particulariza-se por reivindicar a absoluta liberdade de criação, dentro de um projeto de “edificar Utopias de Linguagem – mundos autônomos, com suas próprias leis e estruturas, e o texto como símbolo e encarnação imaginária do real” (p. 26), o que corresponde à utopia de um Novo Mundo, construído longe da tutela européia e do poder que a legitima. O tema da invenção como metáfora da conquista de reinos inusitados de linguagem exprime, na escritora, a ânsia do absoluto e da totalidade, o que implica uma referência ao sagrado, à busca da idéia original.

Entretanto, o sentido religioso de união com a realidade primordial possui um sentido panteísta e não uma filiação católica estrita, idéia que a ensaísta faz questão de enfatizar, chamando atenção para o fato de que o desejo de imortalidade aspirado pela linguagem não passa pela sublimação do corpo, tópico desenvolvido na segunda parte do livro, onde Naomi utiliza-se de algumas noções da crítica feminista francesa, a fim de demonstrar o erotismo e a paixão centrais em Nélida.

Na terceira parte do seu trabalho, Naomi identifica, a partir de *Tebas do meu coração*, uma profunda “crise de linguagem”, que traduz a descrença no modelo utópico buscado nas obras anteriores. Neste romance vigora uma visão do mundo pessimista e apocalíptica, cuja resposta é a “saída pela imaginação”.

Essa mudança de rumos na ficção de Piñon deve-se, segundo Naomi, a uma maior “fome do mundo”, em substituição à “fome do eu” dos livros precedentes, sem, contudo, recair no “congelamento das formas”, pois *Tebas do meu coração* é uma narrativa radical, que rompe tanto com as regras do texto convencional quanto com as do vanguardista.

Na quarta parte do livro, já dentro da fase pós-moderna, a ensaísta reconhece em *A força do destino* (obra considerada de transição entre uma fase e outra) novos rumos, anunciados na “saída pelo humor”. A partir da paródia da ópera de Verdi do mesmo nome, neste romance Nélida Piñon dramatiza e exagera as paixões humanas, apropriando-se das convenções do gênero operístico para realizar um texto polifônico, crítico e consciente de sua artificialidade.

A partir dos romances *A República dos sonhos* e *A doce canção de Caetana*, abordados na quinta parte do livro, Naomi percebe uma definição mais claramente pós-moderna. Aqui reside o ponto mais frágil deste ensaio analítico. A divisão que organiza a compreensão da obra de Nélida Piñon em duas fases, a vanguardista e a pós-moderna, carece de aprofundamento teórico, uma vez que o critério apontado pela autora como distintivo da ficção pós-moderna – a recuperação do enredo e da história, segundo referências a Lyotard e John Barth – mostra-se insuficiente para o entendimento das obras. Nesses termos, a análise de recursos como o metadiscurso e a ironia, vistos por Naomi como próprios do enigmatismo da vanguarda, é inviabilizada no contexto da ficção pós-moderna, que, sabemos, explora tais aspectos sob novas possibilidades.

O roteiro deste livro de Naomi Hoki Moniz bem se cumpriria sem essa classificação prévia, pois, no essencial, ele pretende mostrar – o que faz com fluência e originalidade – as metáforas que definem a poética piñoniana: a figura de Simbad, o Marujo, que manifesta a vontade de viagem/aventura; e Nayoka, a heroína desbravadora, que traduz o desejo de conquista/inauguração.

Rejane Pivetta de Oliveira
Doutoranda em Letras da PUCRS